



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

acontecimentos são considerados suficientemente interessantes e relevantes para se tornarem notícias?

O autor ainda esclarece que o critério de importância é identificado no momento da seleção das notícias, porém, é utilizado em todo o processo, mas de forma e relevância diferenciadas. E complementa afirmando que os valores-notícia são regras práticas que englobam um conjunto de conhecimentos profissionais, que de modo implícito e frequentemente explícito, expõem os procedimentos operacionais das redações.

Após os conceitos apresentados podemos considerar o sequestro do ônibus 174 como uma notícia, pois se trata de um fato relevante e de interesse público para a sociedade, já que envolvia pessoas da comunidade e era algo “fora do comum”.

### **Grandes coberturas ao vivo**

Podemos entender por grande cobertura um trabalho jornalístico caracterizado pela duração maior do que o comum e pela relevância social do acontecimento, que pode ser previsto, como Copa do Mundo e Olimpíadas, ou inusitado, como catástrofes naturais, acidentes e sequestros de ônibus. Para Carvalho (2010):

Algumas notícias mexem com a rotina das pessoas, mudam os hábitos da população e se tornam o principal assunto de quem as assiste. Em geral, são histórias cercadas de tragédias e dramas pessoais (...). E é essa mistura de notícia, audiência e crime que se transformam em grandes lições do jornalismo: quando erramos o tom (CARVALHO et al., 2010, p. 119).

Ainda de acordo com o autor, é importante que as emissoras de televisão e os jornalistas tenham cautela na divulgação e exibição dessas informações, pois a exposição na mídia pode gerar proporções maiores que a própria situação. Carvalho (2010) analisa o caso da jovem Eloá Cristina<sup>111</sup>, que foi mantida refém por quase 100 horas em casa pelo ex-namorado Lindemberg Alves, na cidade de Santo André - SP, em 2008. As principais emissoras de TV do país acompanharam todos os passos do sequestro *in loco*, com

---

<sup>111</sup> O sequestro de Eloá durou teve reviravoltas e a presença ininterrupta da imprensa no local, sempre com entradas ao vivo durante a programação. O desfecho do sequestro, no dia 13 de outubro de 2008, foi mostrado em tempo real pela TV Globo, e resultou na morte da refém, alvejada por dois tiros de seu sequestrador, Lindemberg Alves, ex-namorado da vítima.



**30º ENCONTRO  
REGIONAL NORTE  
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

**“50 anos do Golpe Militar no Brasil”**

**10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR**

plantões ao vivo durante a programação e entrevistas com o sequestrador<sup>112</sup>.

Nas grandes coberturas, há dois determinantes temporais importantes: o primeiro corresponde à duração da abordagem do tema pela mídia, sua repercussão e desdobramentos; o segundo refere-se à transmissão ao vivo de um acontecimento e o tempo de exibição. O sequestro do ônibus 174 foi transmitido por mais de quatro horas, de maneira ininterrupta, no canal por assinatura *Globo News*. Segundo Carvalho (2010):

Não há fórmulas que definam o momento certo de entrar ou sair do caso. O que há são princípios que devem ser construídos de forma coletiva em uma redação, tendo como horizonte sempre o interesse público. Não é possível dar as costas para a notícia, mas é imprescindível tratá-la com dignidade, fugir do sensacionalismo barato (...). O público não é uma massa uniforme e há telespectadores que querem mais que isso (CARVALHO et al., 2010, p. 125).

Outro ponto importante a ser considerado é o cuidado que a mídia deve ter, em transmissões ao vivo, no que tange à validade dos conteúdos, evitando que o calor dos acontecimentos e a necessidade do jornalismo contemporâneo em estar sempre à frente e dar o chamado “furo”, provoquem desvios de intenção ou mesmo erros de informação.

### **Interesse público e a construção da notícia**

O princípio básico da notícia leva em consideração o que é de interesse público. De acordo com Lage (2011), vários problemas envolvendo a ética decorrem da forma de divulgação de certas informações, que pode dar um novo sentido ao que de fato ocorreu.

O autor exemplifica com os casos de investigações policiais, cujas informações devem ser mantidas em segredo ou na questão de processos financeiros que podem tornar vulneráveis as instituições. Segundo Lage (2011), nesses e em outros casos semelhantes, a divulgação de informações pode ser considerada fora dos padrões da ética jornalística, mas é preciso observar o limite dessa postura. Para o autor,

Deve-se considerar que a informação pública não é apenas uma questão dos jornalistas, mas também de suas fontes, particularmente as institucionais. (...). Aconselha-se aos jornalistas – tanto repórteres policiais quanto cronistas políticos e analistas econômicos – o ceticismo quanto ao valor ético de decisões institucionais, ainda quando cobertas de

<sup>112</sup> No dia 18 de outubro de 2010, a apresentadora Sônia Abrão entrevistou Lindemberg Alves por telefone, em seu programa “A Tarde É Sua”, da RedeTV!



legalidade (LAGE, 2011, p. 99-101).

Lage (2011) explica que, em geral, os veículos de notícia possuem padrões de noticiabilidade, como a não divulgação de suicídios para evitar que as pessoas imitem essa ação, nem roubos ardilosos, entre outras ações ilícitas. Mas, segundo o autor, “levado às últimas (mas necessárias) consequências, tal critério impediria a divulgação de todas as notícias negativas, construindo na imprensa um mundo maravilhoso, de comportamentos corretos e éticos – só que, lamentavelmente, imaginário” (LAGE, 2011, p. 101).

O autor afirma que o conceito de notícia pode ser substituído pela expressão “informação jornalística”, e que é composto não apenas na estruturação dos dados que são mais convenientes, mas principalmente pela exposição do maior número de dados possíveis, de modo que a narrativa seja abrangente e mais compreensível. Lage (2011) explica que, nesse aspecto, a informação jornalística difere da notícia, pois ela está ligada a rompimento ou mudança dos fatos normais e deve ser mais rápida, sintética e fragmentária.

Para Lage, “quanto maior o interesse jornalístico, maior a abrangência do público a que a informação se possa destinar” (LAGE, 2011, p. 113). O autor ainda caracteriza a notícia como uma narrativa que contém ineditismo, intensidade, atualidade, proximidade e identificação. Trata-se de uma disfunção de algum sistema, independente das intenções dos jornalistas em tratar o assunto. É divulgada com diferentes graus de profundidade, é breve, pouco durável e ligada à emergência do fato.

Já a informação corresponde a um assunto determinado ou não por um fato gerador de interesse e decorre da intenção do jornalista em noticiar. É mais extensa, densa e completa. Requer pesquisa ainda mais aprofundada e uma filtragem de informação menos exigente.

Carvalho (et al., 2010) explica que é necessário tomar cuidado em pautar em um telejornal, por exemplo, somente o que é de interesse do público. Para o autor,

O bom telejornal é aquele que responde, sim, às expectativas do telespectador, mas que também possibilita que ele levante novos questionamentos, perceba que há outras formas de ver a notícia em questão. Ou seja, não podemos estar desconectados daquilo que importa ao público, mas devemos nos perguntar sempre se o assunto que interessa ao público é de interesse público (CARVALHO et al., 2010, p. 19).

O autor destaca a busca incessante pelo factual como a principal responsável por



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

fazer com que os jornalistas deixem de publicar questões que são notícia em potencial – como a crise do sistema aéreo brasileiro, por exemplo – para dar atenção somente ao que já está acontecendo – como a queda do voo 3054 da TAM, em julho de 2007, ao lado do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Essa superficialidade dos fatos é criticada pelo autor, que defende que os jornalistas precisam se preparar mais para o mercado, estar melhor informados e dispostos a aprender constantemente.

A questão da superficialidade e o factual podem ser percebidos dentro das transmissões sobre a história de Sandro Nascimento. Em contrapartida, o documentário de José Padilha busca alcançar uma visão mais completa da situação, trazendo inúmeras informações sobre a vida do jovem, o massacre da Candelária, a morte da mãe, os amigos que fez durante a vida, entre outras informações.

### **A mídia no caso**

A cobertura *in loco* do sequestro do ônibus 174 mobilizou um grande número de jornalistas de diferentes veículos ao bairro Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. Dezenas de profissionais de rádios, jornais impressos, portais de notícias e emissoras de TV acompanharam o crime, o comportamento de Sandro Nascimento, a apreensão dos reféns, a curiosidade das pessoas aglomeradas em volta e a atuação da Polícia Militar e do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) do Rio de Janeiro.

Flageul (2000) diz que o acontecimento responde a alguns critérios, como *acidentalidade, improbabilidade, unicidade e singularidade* (FLAGEUL, 2000, *apud*. MUNIZSODRÉ, 2009, p. 33). Muniz-Sodré acrescenta que “mesmo que ocorra na esfera do possível, o acontecimento guardaria um momento e uma parte excessivos frente àquilo que o condiciona” (MUNIZSODRÉ, 2009, p. 36).

A duração do evento e a intensa cobertura da mídia pode caracterizar o sequestro de junho de 2000 como um macroacontecimento, dentro da definição de Muniz Sodré (2009):

Há (...) grandes e pequenos acontecimentos, hierarquizados em razão de sua previsibilidade dentro de um sistema determinado. Macroacontecimentos, por exemplo, são o assassinato do Presidente John Kennedy, a destruição por terroristas das torres gêmeas em Nova York, o *tsunami* no sul da Ásia, etc. Já o assassinato de um cidadão comum por



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

terroristas, um terremoto de pequenas proporções, etc. são microacontecimentos. (MUNIZ SODRÉ, 2009, p. 34).

Durante as quatro horas do desenrolar do sequestro, Sandro Nascimento oscilou entre momentos de bastante furor e descontrole e espasmos de tranquilidade, e em várias oportunidades interagiu com as câmeras que registravam o fato. A imprevisibilidade de um acontecimento como esse teve um impacto na transmissão ao vivo. O *site* Memória Globo, acervo multimídia de todos os produtos da TV Globo ao longo de quase cinco décadas, fala sobre a cobertura da emissora:

Enquanto a Globo News ficou no ar, sem interrupções, ao vivo, com imagens dramáticas do episódio, a Globo manteve sua programação normal, inserindo *flashes* em seus intervalos comerciais. Por receio de que o sequestro terminasse com um desfecho violento (o que de fato ocorreu), a empresa preferiu não deixar a transmissão ao vivo ininterrupta na TV aberta, para evitar que o público fosse surpreendido por imagens impactantes (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 327).

A presença da TV Globo perante o desenrolar incerto do sequestro foi um exemplo de como a mídia no local influenciou, de certa forma, a atuação da polícia, considerada desastrosa pela própria imprensa logo após o fato. Muitas críticas foram destinadas contra a Polícia Militar e o Batalhão de Operações Especiais (BOPE) do Rio de Janeiro, considerados despreparados técnica e taticamente. As câmeras registraram as falhas no sistema de segurança do Estado, desde faltas básicas como a inexistência de rádios de comunicação, a erros estratégicos como o desfecho trágico do sequestro, com a morte de Geísa, a refém, alvejada por um policial, e de Sandro, asfixiado por cinco homens da PM do Rio no camburão.

Mais do que isso, a presença da mídia, no início renegada por Sandro, se tornou a sua janela de sobrevivência, de uma visibilidade que nunca teve. Nas palavras do antropólogo Luiz Eduardo Soares no documentário, Sandro “redefiniu, de alguma maneira, o relato social. O relato que dava a ele sempre a posição subalterna, de repente, é convertido numa narrativa em que ele é o protagonista”.

O sequestro do ônibus 174 foi um marco para as políticas federais de segurança. Uma semana após o incidente, o Governo Federal criou um Plano Nacional para reestruturar a segurança pública em todo o país. Além disso, foi um momento de transição



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

também para o próprio posicionamento da mídia em casos semelhantes. A TV Globo, que decidiu não transmitir de maneira ininterrupta o sequestro, mudou de opinião. O então diretor da Central Globo de Jornalismo, Evandro Carlos de Andrade, explica a decisão da emissora:

Nós tivemos dúvida em relação à TV aberta, uma vez que havia o receio de o sequestrador estourar a cabeça de uma das reféns e nós mostrarmos a cena. Entendemos, depois, que nossa decisão de não dar continuidade à cobertura foi um erro. O que nós devíamos ter feito (...) era alertar permanentemente o público, os pais, as famílias, para o risco de mostrarmos uma cena muito chocante. Cabe às famílias tomarem medidas de cautela. Nós achamos que devemos transmitir os acontecimentos. E, se fosse hoje, levaríamos ao ar também na TV aberta, porque é um fato que causa expectativa. E, se nós temos acesso, o público também deve ter. Caso contrário, estaremos censurando a informação. (ANDRADE, in MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 327).

Desde então, a emissora começou a abrir a programação para situações com um grau de imprevisibilidade similar ao caso do ônibus 174, como no sequestro do apresentador Sílvio Santos em sua casa, em São Paulo, no dia 30 de agosto de 2001, os atentados terroristas contra o World Trade Center, em 11 de setembro do mesmo ano, e o sequestro da jovem Eloá Cristina, em Santo André-SP, no mês de outubro de 2008.

Podemos perceber que a presença dos veículos de comunicação no “front” do Jardim Botânico naquele 12 de junho de 2000 provocou alterações em várias esferas: desde a apropriação cênica e sociológica de Sandro do alcance das imagens, passando pela reflexão sobre as condições da polícia no Rio de Janeiro e em todo o Brasil, chegando até a mudar o ponto de vista da maior emissora de televisão do país, em relação a acontecimentos como o sequestro.

### **Conclusão**

Com base nos argumentos propostos, podemos inferir que as grandes coberturas possuem uma dinâmica diferente das transmissões comuns, sendo essenciais para a divulgação de notícias cujo interesse ultrapassa o local, o restrito.

Contudo, o processo de transmissão dos fatos é composto por critérios básicos do jornalismo que não podem ser negligenciados pela imprensa no momento de uma grande cobertura, ou seja, a pressa em divulgar determinado acontecimento não deve prejudicar o



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

processo de apuração, por exemplo, e nem o próprio desenrolar do caso, principalmente quando estiverem em questão vidas humanas.

O caso do sequestro do *ônibus 174* é considerado neste trabalho como notícia, dentro dos critérios estabelecidos e discutidos por Bistane & Bacellar (2010), por se tratar de uma situação que despertou o interesse nacional e teve certo impacto na vida de muitas pessoas, sobretudo na sociedade carioca.

Mesmo sendo considerado um acontecimento inusitado, na definição de Carvalho (et al., 2010), o sequestro do *ônibus 174* também pode ser caracterizado como um macroacontecimento no sentido de ser algo até de certa forma previsível, com base na história de vida de Sandro Nascimento, e nas questões sociais implícitas no fatos. Essas questões sociais, destacadas amplamente no documentário de José Padilha, tornam o caso do sequestro – ou qualquer outro atentado que jovens como Sandro podem direcionar à população devido às condições de vida e falta de orientação - o que o autor chama de “notícias em potencial”. Desta forma, acreditamos que o caso do sequestro se enquadra também nesse conceito.

Como afirma Lage (2011), a escolha das notícias a serem divulgadas pela imprensa deve considerar as consequências dessa transmissão – como na questão de suicídios que não são divulgados para que essa prática não seja incentivada, aspecto que reforça a influência da mídia no caráter psicológico do indivíduo. Todavia, o autor reitera que se a imprensa se limitar a noticiar apenas notícias positivas, poderá ser criado um mundo perfeito onde nada de ruim acontece, portanto, um mundo falso. Nesse sentido, o caso do sequestro é considerado nesse trabalho como uma notícia que deveria ser – como foi – amplamente divulgada, para que a população nacional tomasse conhecimento dos fatos explícitos e implícitos da situação, mesmo que muitos fatos implícitos não tenham sido realçados inicialmente com tanta intensidade como o foi a imagem de Sandro como o grande vilão da história.

Finalmente, tomamos como base o caso do sequestro para ressaltar a mudança de padrões de transmissão de uma das maiores emissoras do país, devido a relevância e alcance do acontecimento. O sequestro dividiu opiniões, revelou falhas na segurança policial de uma grande metrópole, trouxe à tona questões de cunho psicossocial que afetam os jovens não só dessa cidade, mas de todo o país, e determinou a mudança de postura de



jornalistas, assim como também mostrou a influência da mídia no desfecho de acontecimentos de grande e pequeno alcance.

### Referências

ANDRADE, Evandro Carlos de. A notícia ao vivo. In. MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de Tv**. São Paulo: Contexto, 2010.

CARVALHO, Alexandre... [et al]. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MEMÓRIA GLOBO. **Sequestro do ônibus 174**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/sequestro-do-onibus-174/cobertura-ao-vivo.htm>>. Acesso em: 17 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

**ÔNIBUS 174**. Direção: José Padilha. Zazen Produções. Rio de Janeiro – RJ, 2002. 150 min. Son, Color, Formato: 16 mm.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Artigo apresentado no II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor. Bahia, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.





**30º ENCONTRO  
REGIONAL NORTE  
DE HISTÓRIA DA MÍDIA**

**“50 anos do Golpe Militar no Brasil”**

**10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR**

## **A Polamazônia e o discurso desenvolvimentista durante o Regime Militar**

Marineide da Silva Ribeiro<sup>113</sup>

Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro<sup>114</sup>

**Resumo:** O trabalho consiste numa análise sobre a Polamazônia e o discurso de desenvolvimento econômico no período do regime militar. Trata-se de uma fase que vinculava propaganda de desenvolvimento econômico sadio, a partir de planos econômicos que visavam integrar todo o território Nacional, baseados no ideal de “vazio demográfico”, “ocupariam” a região através de correntes migratórias, e desta forma fortalecer as fronteiras. O discurso binário sobre a Amazônia gerou muitos conflitos entre empresários e indígenas, camponeses e recentes migrantes que atuaram muitas vezes de forma efetiva como sujeitos históricos, se impondo frente aos projetos de grandes envergaduras como construções de rodovias, hidrelétricas dentre outros. Assim, as tensões que foram geradas em meio a todos esses projetos principalmente pela disputa de terras, reafirmam a presença das pessoas comuns no processo histórico como atores essenciais nas mudanças sociais.

**Palavra -chaves:** Ditadura militar, Desenvolvimento, Amazônia e Migração

Esta análise tem como intenção compreender o discurso de desenvolvimento econômico lançado sobre a região amazônica pós-1964, quando a Amazônia se vinculava ao Projeto de Integração Nacional. Assim, podemos dizer que a região abrilhantava os olhos dos empresários que enviavam as grandes empresas capitalistas na ânsia de explorar recursos naturais e mão-de-obra barata, vínculos feitos entre o governo e capital. Entretanto, não foram fáceis as instalações dos grandes projetos: percebemos que os moradores não foram inertes às mudanças impostas pelo ambicioso plano econômico, eles resistiram se articularam dentro de organização consciente pela tomada de território.

### **O discurso desenvolvimentista**

As décadas de 1960/70 foram profundamente marcadas por grandes mudanças históricas no cenário brasileiro: tempos de golpe militar, repressão, movimentos feminista,

---

<sup>113</sup> Mestranda em História Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM-Manaus) e Bolsista Capes (CNPq). Email: neidemsr@ig.com.br

<sup>114</sup> Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Professor associado da Universidade Federal do Amazonas e Bolsista Produtividade do Conselho do Desenvolvimento Científico Nacional (CNPq).



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

instaurações de Atos Institucionais, governo autoritário, “defesa” do Estado Nacional, política de Integração Nacional entre outros que poderíamos aqui citar. O Estado brasileiro vivenciava os altos índices do crescimento econômico a partir do famoso “MILAGRE ECONÔMICO” (HABERT,1994:7).Sobreposto no pós-golpe militar de 1964, o governo criou medidas para região Amazônica no propósito de bloquear uma possível invasão de ordem varsovia. Pois em meio ao cenário da Guerra Fria, ou os países aliavam-se aos Estados Unidos que adotava o capitalismo ou à URSS que seguia com o comunismo. *“Este dualismo era alimentado pelas duas partes para tirar proveito, no caso do Brasil a obrigação era ser em prol do capitalismo norte – americano”*(COMÉRCIO, Manaus, 23 de outubro de 2006,Ed. Comemorativa:90)

A grande atração do capital para a Amazônia ocorreu a partir da Polamazônia - uma proposta governamental com objetivo de inserir quinze “pólos de desenvolvimentos”, cada um desses pólos centralizavam atividades especializadas,essa corrida para o capital alterou os números populacionais para a região norte.Na década de 1960 a população era de aproximadamente 1,9 milhão, e em 1980 eram quase 6 milhões, atraindo expressivas levadas migratórias. A maioria desses migrantes trabalhavam lavrando a terra e tinham saído de diversos lugares do país, como a exemplo do sertão nordestino, tendo sido forte impacto que modificou a vida de quem morava e de quem chegava na região (BRASIL,1997:62 ) Nesse bojo foi aplicado o plano de ação econômica -PAEG – com início para os anos de 1964-1966.O plano teria que ser conveniente com a economia de mercado. Assim traçou uma política para submeter os condicionantes de intervenção a um aumento acelerado da economia. Para tanto, o plano em vigor objetivou o decréscimo da inflação, a partir daí o PAEG era responsável de “desenvolver um sistema econômico sadio”

Assim, o PAEG foi caracterizado como política de desenvolvimento para a Amazônia, exercendo uma nova função, a de intervenção e ampliação de órgãos federais que estimulassem e prestassem total exclusividade às novas estratégias norteadas à região amazônica.

Diante das exigências supracitadas, destacamos o início da chamada Operação Amazônica em 01 de Fevereiro de 1966, na cidade de Macapá, onde vários governadores e ministros se fizeram presente na solenidade “a fim de apoiar o fortalecimento” econômico para a região. O então presidente Marechal Castelo Branco também esteve presente,



## 30º ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA

“50 anos do Golpe Militar no Brasil”

10 e 11/abril - Boa Vista/RR - UFRR

afirmava no seu discurso as preocupações do seu governo com a expansão econômica para o espaço amazônico:

[...] Dai esta colocado no primeiro plano das preocupações do governo o fortalecimento econômico da região, a sua ocupação nacional, o fortalecimento das suas áreas de fronteiras e integração do espaço Amazônico no todo nacional. Com esse propósito, estudou-se completa reformulação da política nacional até agora seguida e que devera ser mudada de acordo com a as experiências dolorosamente acumuladas. [...] (FERREIRA,1994:79)

O discurso de desenvolvimento econômico para a região tinha aparentemente boas intenções, imbuído de estratégias envolventes, seduzindo muitos migrantes que ouviram nas rádios, nos jornais ou mesmo ouviam falar, que na Amazônia o governo distribuía terras, casas entre outros benefícios. Mas o discurso além de ser uma fala proferida para o público, uma exposição didática de um determinado assunto, traz consigo uma ‘*inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence inquietação de sentir sob essa atividade todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina [...]*’(FOUCAULT, 1996:8)”. O discurso tem sua essência perigosa, é verossímil, carrega consigo a vontade de verdade, que segundo Foucault é uma vontade desejada, é uma vontade de possuir o desejo e o poder. O verdadeiro discurso é o que se liberta do desejo e do poder, contraria a vontade de verdade, e não a reconhece (Ibidem, FOUCAULT, 1996:20 ).

A Política de Valorização da Amazônia sinaliza uma antiga “preocupação” com uma nova roupagem. Ela nos faz rememorar o passado dos antigos e legítimos habitantes da floresta que viveram experiências dolorosas na chegada dos colonizadores/exploradores, passado esse rastreado de desgraças e genocídios, mas também resistências e lutas.

Com a chegada do estranho-estrangeiros, empresários foram atraídos e convidados para a região norte, através das propagandas dos governos federais e estaduais com o propósito de construir rodovias, hidrelétricas e planos de colonização, causando perdas irreparáveis e irreversíveis ao meio ambiente. Todas essas providências anteriores foram tomadas no objetivo de explorar as riquezas naturais, e conseqüentemente fizeram com que a estrutura e o modo de vida das populações locais mais uma vez fossem alterados drasticamente (MARTINS, 1989:16).